

# CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

O Congresso.....	Padre Antonio Hermano
Colonias.....	Abel Andrade
Sursum Corda (poesia).....	A. Moreira Bello
Religião e Patria.....	Antonio Dias da Costa
Phebe (poesia).....	Albano Bellino
A Igreja.....	J. Machado
Tu es Petrus.....	Padre José Victorino Pinto de Carvalho
Sub tuum præsidium (poesia).....	A. S.
Delenda Religio.....	J. Pereira da Costa
A religiosidade.....	Abundio da Silva
O Phantasma.....	J. Machado
O Collegio (poesia).....	***
Incerteza.....	D. Antonio d'Almeida
Notas bibliographicas.....	Bruno d'Almeida
Gazetilha (na 4.ª pagina da capa).....	O collegial M. C.

## COLLABORADORES DA «CRENÇA & LETRAS»

Abel Andrade, Abundio da Silva, Albano Bellino, D. Antonio d'Almeida, padre Antonio Hermano, padre Arthur Brandão, A. Moreira Bello, dr. Braulio Caldas, padre Henrique Gomes, padre Hermano Amandio, padre Joaquim José Soares, padre Joaquim Machado, José d'Azevedo e Menezes, J. Dias Gosta, J. d'Oliveira, conego José Naria Gomes, padre J. J. Silva Guimarães, José Victorino Pinto de Carvalho (Reitor de Mancellos), Lourenço de Mattos, (Prior de Collos), dr. Manoel d'Albuquerque, Mattos Ferreira (Prior de Cintra), dr. Martins Sarmiento, conego dr. Pedro Sanches, dr. Pereira Caldas, Pereira da Costa. Rangel de Quadros.

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

**Assinatura.**—Anno 1\$000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção - Collegio de S. Damaso - Guimarães.

**Collaboração.**—Por um descuido typographico appareceram no sumario do n.º anterior, artigos que não vinham publicados. D'esses retiramos definitivamente, a pedido do illustrado autor, o artigo *unde salus?* que por não ser publicado no n.º precedente, perdeu a actualidade que o recommendava.

O n.º 4 da «Crença & Letras» apparece com 48 paginas, ou mais 16 do que o numero ordinario. E' uma compensação ao 1.º numero.

**EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO**

# CRENÇA & LETRAS

---

## O CONGRESSO

AO EX.<sup>mo</sup> SNR. JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES

---

A formosa edêa d'um congresso de jornalistas catholicos foi recebida em meio d'applausos calorosos. A imprensa religiosa tem-lhe prestado a unisono, apoio inteiro e incondicional.

Muito bem!

Todos quantos lidam na imprensa as justas sactissimas da religião civilisadora, todos quanto terçam armas n'essa agitada arena onde loiros não viçam ou cedo murcham, sabem que um jornal é hoje um enfeixamento d'apostolados nobilissimos.

E' muito mais que uma escola: a sua lição de todos os dias, dosimentada e persistente, penetra com efficacia na alma caroavel da multidão.

E' muito mais que uma tribuna: em torno d'essa instituição, prestigiosa apesar dos seus muitos desmandos, apinha-se um auditorio innumeravel que escuta e medita, e os seus écos longamente repurecidos, voam longe nas azas celeres do vapor ou na rapidez fulminea da electricidade.

\*

Se pois a imprensa jornalística é uma potencia de tal magnitude e prestígio, que a sua voz desafia e sobre excede todos os demais órgãos da opinião, e rege e anorteia as evoluções sociaes, se a sua lição educadora e instructiva, invadindo, para que assim o diga, as attribuições do templo e da escola, se ha tornado o factor primario do alevantamento ou

degenerescencia dos povos, urge que os catholicos, que o não são só de nome, se apoderem d'essa prestimosissima arma de propaganda e a convertam em fanal de civilisação. Para isso, cumpre que os jornalistas do bem se congreguem em legião forte e disciplinada e combatam sob o mesmo plano e sob a mesma bandeira, sem mais intuito que uma devotação generosa a um grande edéal. Cumpre que lancem em termos bem claros as bases d'uma unificação vitalisadora que exclua impiedosamente todas as divergencias esterilisoras. Sem tal disciplina inuteis e perdidos serão os esforços singulares. Sobre tudo cumpre que rompam de vez com as divergencias politicas, rasguem sem dó as pequeninas bandeiras partidarias que tantas vezes roubaram á Igreja lutadores emeritos, não escutem os credos divergentes que provocam as dolorosas discordias intimas, e enveredem pela trilha consiliadora que a voz sabia de Leão XIII não cessa de apontar-lhes.

Mas querem politica? Não lhes soffre o animo ficar de braços cruzados perante as desgraças da patria?

Grande e foracissima veiga se estende e desdobra ao labor dos que sentem no peito a estuação d'esse respeitavel sentimento. Se houvesse uma voz de commando...

Ha ahí uma poderosa força desaproveitada—o numerosissimo agrupamento catholico—a quem corre o dever de arborar uma bandeira gloriosa sobre as ruinas dos partidos militantes. A occasião é azada como poucas: o descrédito immenso que os numerosos desastres diplomaticos e financeiros accarretaram sobre as varias facções da nossa politica, provocará fatalmente uma reacção, e não era de mais nem muito que da remodelação que fermenta, surgisse um *partido Catholico*. Se o clero se não esquecesse de que é uma classe militante e de que a missão sublime que abraçou, é a antithese d'essa indifferença egoista de que tantissimas vezes se deixa enervar...

E' verdade que do alto não vêm exemplos que sejam lições e de maravilha se ouvem palavras de conselho e incitamento...

Além da unidade d'acção, outra condição temos nós por imprescindível para que o Congresso obtenha resultados practicos d'uma utilidade real: a abolição da rhetorica, d'essa rhetorica de recamos aureos e lapidações faiscentes que temos visto pavonear-se luxuosa em outros congressos. Um congresso onde devem agitar-se questões de interesse nimia-mente practico não é precisamente uma academia onde se perfiam os jogos floraes de competencias litterarias. Alli têm de visar-se as coisas de frente, á luz clara d'um criterio sereno e frio, sem os arrebatamentos da eloquencia e sem as galas da rhetorica.

Mas ocioso se torna estar a preconisar as qualidades que devem transparecer no promettedor congresso, pois temos a convicção de que quem o promove é movida tão sómente por um impulso de dedicação religiosa e civica e tanto basta para que tudo na sympathica assembleia corra de molde a produzir fructos de benção.

Collegio de S. Damaso, 4. 4—92.

PADRE ANTONIO HERMANO.

---

# A QUESTÃO COLONIAL

## OS MISSIONARIOS REGULARES

A' memoria do meu saudoso condiscipulo dr. Abranches Martins.

Impressionados pela questão colonial, julgamos conveniente expôr um certo numero de ideias por vezes mal recebidas, mas que julgamos perfeitamente baseadas no depoimento da historia.

A seu tempo demonstraremos que a suppressão das ordens religiosas foi a causa principal da decadencia do nosso dominio colonial; ao ultimarmos esta conclusão diremos que

o unico processo de reabilitação reside na restauração da vida monastica em certas e determinadas condições, e pelo menos nos nossos dominios ultramarinos.

Para que então possamos desassombradamente concluir semelhante verdade, é necessario certificar a superioridade do missionario regular sobre o missionario secular.

Não contestamos ao missionario secular o despreendimento bastante para arear com as ingratições do clima, o risco constante de perder a vida, a resolução bem formada de dispensar por alguns annos o sorriso da familia e a convivencia dos amigos com os confortos da sociedade; de modo algum; ainda assim não tergiversaremos em collocar o missionario regular muito acima do missionario secular.

O missionario regular pela abnegação official é da humanidade, pertence á civilisação; a obediencia perpetua, que votou no mosteiro, impõe-lhe a obrigação de caminhar no meio de todos os obstaculos, arrancando para a lua da civilisação as victimas da selvageria. O missionario regular ouve na voz do superior a voz de Deus, e o mandato da sua consciencia obriga-o a desprezar as commodidades sociaes.

Só relembando o voto de obediencia é que podemos comprehender a devotação heroica e sublime de Balthasar Barreira, um dos primeiros iniciadores do nosso dominio em Angola; sem o voto da obediencia nunca possuiriamos aureolando, como illuminuras, as paginas da historia patria, nomes como os de Eduardo Vaz, Balthasar Pereira e Simão Ignacio. Onde encontrar, entre os missionarios seculares, um Pedro Tavares, o engenho ao serviço da civilisação? Manuel Mendes, Miguel Affonso e Pedro Cardoso eram dominicos.

N'esta nossa critica não nos move a minima intenção de desconsiderar os missionarios seculares; sem tomarmos á lettra a censura de Antonio Franco aos missionarios seculares, que em 1505 e 1521 se achavam no Congo, privados da instrucção e moral necessarias, é certo que o missionario secular só por excepção será um devotado heroico e desinteressado da civilisação.

Os laços de familia, as mesmas relações patrioticas, as

considerações para com os amigos, tudo isto deve considerar-se prejudicialissimo á christianisação da humanidade selvagem.

Para o missionario regular a familia é a humanidade inteira e particularmente o irmão indigena; possui como patria unica e exclusiva a mansão dos justos, cujo caminho talvez pelo meio das selvas embrenhadas da Africa lhe traça o dêdo de Deus na pessoa do superior. Com esta devotação e desinteresse é possível civilisar a Africa.

Ainda assim para permanecermos tranquilos e completamente justos, devemos declarar que nos nossos dias possuímos missionarios seculares, comprehendidos na excepção acima referida; referimo-nos ao padre Barroso, actual prelado de Moçambique, a quem muito deve o nosso dominio no Congo, ao padre Folga e ainda a muitos outros.

A doutrina por nós sustentada é solemnemente corroborada com o estudo das difficuldades que o missionario tem de transpôr para civilisar, com o estudo portanto das qualidades do bom missionario. São taes os obstaculos que se oppoem á acção do missionario, exigem-se taes requisitos n'elle, que só no mosteiro, alfobre de heroes e de patriotas inimitaveis, se poderão encontrar dignos christianisadores. Digamos primeiro das difficuldades, que se oppoem, como poderosos entraves, á civilisação do indigena.

a) A primeira difficuldade que encontra o europeu ao descer no solo africano é a diversidade de clima, que por vezes é d'uma insanidade lastimavel.

Nas ilhas de Cabo Verde, (1) onde o clima é doce, salubre e muito visinho do de Lisboa, ha innumeradas condições atmosphericas que se não encontram na patria. Na estação das brisas, ventos violentos cortam o ar de E. N. E. a N. N. E. (outubro-maio); ao começar o dia e pôr do sol o estado hygrometrico é muito suturado de vapores aquosos: no periodo da estação das chuvas (junho-setembro) a atmosphaera

(1) A provincia de Cabo Verde compõe-se do Archipelago de Cabo Verde e das possessões da Guiné Portugueza.

apresenta-se carregada de vapores, tornando arriscada a existencia dos estrangeiros que visitam esta região.

Na Guiné Portugueza (municipios de Cacheu, Bolama e Bissau) o clima é detestavel, completamente insalubre, sobretudo de junho a dezembro; as chuvas começam no fim de maio e duram até ao fim de setembro. O ardor do sol e a humidade das tardes, denominada *caçimbo*, são muito prejudiciaes á saúde dos individuos ha pouco habitantes d'esta região; uma molestia chamada pelos naturaes *carneirada*, vindima annualmente innumeradas existencias, embora os que escapem do primeiro assalto sejam no futuro completamente livres de qualquer repetição d'esta doença e gosem de magnifica saude. Embora as condições climatericas da Guiné Portugueza se possam melhorar sensivelmente por meio de trabalhos, que exigem um certo capital e numero bastante de braços, é certo que no momento actual persistem ainda muito doentias.

A provincia de S. Thomé e Príncipe (ilhas do mesmo nome e feitoria d'Ajuda) embora menos perigosa do que a Guiné Portugueza, está bem longe de offerecer aos europeus qualquer garantia provavel de salubridade. Ha duas estações bem distinctas: a estação dos ventos, que começa em meado de abril e permanece até setembro (temp. mín. á sombra 20.º) e a estação das chuvas entre os dois equinócios de março e setembro, durante a qual a temperatura se eleva a 50.º C. Embora a primeira estação seja menos desfavoravel á acclimação dos europeus, está muito longe de ser benefica; a saúde do europeu em S. Thomé e Príncipe corre muito risco, sobretudo nas margens do oceano; só n'um ou n'outro ponto central é que o clima é agradável.

O clima da Provincia de Angola (dist. de Loanda, Benguella e Mossamedes) é muito instavel; geralmente quente e humido, sobretudo nas costas e junto dos grandes rios que atravessam a provincia, torna-se mais fresco, menos humido e até bastante salubre no interior (Pungo Andongo, Ambaca, Caconda, Bihé, etc.) e mesmo na costa de Mossamedes.

O clima do Congo foi e continúa sendo summamente

detestavel. No Congo a tradição indica-nos numerosas sepulturas de missionarios e até de bispos, que alli succumbiram pelejando o bom combate. Um dos padres da companhia de Jesus, ao retirar de S. Salvador, depois de ter sepultado os companheiros e parte dos educandos que alli levou, escrevia: «O clima está em perfeita harmonia com a immoralidade dos habitantes».

Na Provincia de Moçambique (10.' 41.'—25.' 58.') o clima apresenta notaveis alternativas; a temperatura media annual é bastante elevada. A estação mais fresca começa no mez de abril e termina em agosto; a estação das chuvas começa entre dezembro e janeiro e prolonga-se até março; quando não ha chuvas, o que felizmente poucas vezes acontece, o calor torna-se insupportavel.

Embora as doenças endemicas não incommodem actualmente e d'um modo persistente os europeus e os districtos de Inhambane, Sofala, Tete, e as ilhas de Cabo Delgado sejam mimoseadas com uma atmospheria menos saturada de emanações palustres, é certo que o clima de Moçambique é inferior ao de Portugal.

D'esta exposição synthetica podemos concluir que o missionario ao embrenhar-se, por ex., na Guiné Portugueza, não deve nem pode ter fitos os olhos no amor da familia, nos interesses ou na fama que mais tarde levantará o seu nome, mas unicamente deve esperar uma recompensa eterna á sua subjeição, á obediencia que prestou aos mandados do seu superior. Assim pensavam os Jesuitas da Residencia de Cabo Verde sempre e particularmente em 1642.

b) Além do clima, muitas outras condições naturaes d'aquellas regiões difficultam o ingresso do europeu.

Os extensos desertos de areia e as elevadas montanhas, que dividem muitos logares, tornam impossivel, quando não difficultam simplesmente, a communicação com os indigenas.

Addicione-se a estes inconvenientes a ausencia de grandes mares ou rios interiores, que permitam o transporte dos alimentos e a introdução nos paizes centraes dos beneficios



da industria, e comprehender-se-ha uma face do assumpto proposto.

A praga da *tse-tse* (*glossina morsitans*), mosca peculiar de certas regiões africanas (margem do Chobe (2), margens do Zambese, Libebe, margens do Lago Ngauri (3), territorio entre Nameta e Sekhori (4), margens do Limpopo (5) etc) victima com uma simples mordedura bois, cavallos e cães, elementos de que muito necessita o homem.

A ignorancia dos portuguezes a respeito d'esta mosca, ignorancia a que se refere o dr. Livingstone (6) é uma prova da incuria ou má fé do missionario inglez; da *tse-tse* fallaram com certeza alguns portuguezes, como contradictoriamente confessa o mesmo dr. Livingstone (7), e como se deduz do que escreveu Joaquim Rodrigues Graça, no Diario da sua viagem do Bihé á côrte do Matiamvo, na observação ao dia 25 de maio de 1846. (8)

Assim encontramos na Africa a natureza inteira cerrando as portas do continente negro á entrada do missionario europeu com todos os meios, por exquisitos e impertinentes, como a mortifera *tse-tse*.

c) O africano odeia o europeu; antes de se convencer da dedicação altruista do missionario abhorrece-o como seu inimigo figadal. Alguem chama a esta repulsa constante «*odio de raça*»; não pensamos assim; julgamos que a transmissão hereditaria de certos factos justifica plenamente a explicação defendida pelo missionario Barroso. (9)

(2) «Dr. Livingstone Missionary Travel and researches in South Africa»; cap. IV. pag. 87.

(3) Carlos J. Anderson, «Advertiser and cape Town-Mail» 1854 (22 de maio).

(4) Dr. Liv: cap. XXV, pag. 499.

(5) Major Vardon, 1848.

(6) Dr. Livingstone, obr. cit. cap. XVIII, pag. 352.

(7) Auct e obr. cit. cap. XIV, pag. 260; cap. XVIII, pag. 582 e 583; cap. XX, pag. 402; cap. XXIX, pag. 588.

(8) Boletim e Annaes do Concelho Ultramarino: Março de 1855, pag. 119.

(9) Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 8.<sup>a</sup> serie, n.º 3 e 4. pag. 178.

Em que pese a Schoel (10) e a muitos outros historia-dores, os portuguezes não inventaram o trafico da escrava-tura, (11) que é muito anterior a elles; encontraram-n'o con-sagrado nas leis e admittido nos costumes; seguindo a cor-rente do seu tempo puzeram-n'o em pratica; não ha motivos para censural-os.

Em harmonia com o espirito do tempo commerciava-se pouco no Congo e quasi exclusivamente com a carne hu-mana.

Cônstate-se o documento d'onde consta o inquerito mandado fazer no anno de 1548 em S. Salvador pelo rei do Congo (12) e veremos noticias minuciosas sobre este infame commercio. Havia no Congo mais de 10 europeus exportado-res de *peças* (escravos); annualmente iam de S. Thomé ao porto de Pinda 12 a 15 navios, carregando cada um d'elles 400 a 700 *peças*; morriam centenaes de escravos na embo-cadura do Zaïre, por causa das luctas que ali se travavam, etc. (13)

Durante muitos annos o indigena presenciou os horro-rosos acontecimentos relativos ao trafico, que se exercia dia-ria e momentaneamente; então as gerações indigenas succee-diam-se amaldiçoando o europeu que assim se havia para com os seus semelhantes; este odio profundo, perpetuado, identificou-se de tal modo com o indigena, que se transmite hereditariamente com a existencia; o indigena odeia ferre-nhamente o europeu porque ainda tem impressos na imagi-nação os signaes com que o ferrete do contractador marcava as suas *peças*.

(10) «Histoire abrégée des traités de paix entre les puissances de l'Europe depuis de la paix de Westphalie», 1818, tomo XI, pag. 171.

(11) Obras do Cardeal Saraiva, tom. V. Est. Hist. e Chronol. so-bre as navegações, viagens, descobrimentos e conq. dos port. etc. pag. 325; Revista de Guimarães, vol. VIII, n.º IV, outubro 1891—*Sã da Bandeira e as missões religiosas*—Abel Andrade.

(12) Foi descoberto por Luciano Cordeiro, *Memorias do ultra-mar*.

(13) Boletim da Sociedade, etc., pag. 177-178.

Imagine-se o obstaculo insuperavel que o missionario encontra n'este odio hereditario com que é perseguido.

d) Demais os indigenas fronteiros na Africa empregam todos os meios para oppor os maiores obstaculos á communicação do europeu com os do interior.

Assim procedem os indigenas fronteiros para não dividir os beneficios do commercio.

O dr. Livingstone, na obra já por nós citada, (14) queixa-se amargamente dos obstaculos que teve de vencer para atravessar um territorio, communicar com algum regulo sertanejo e voltar do centro africano á costa.

Antes do dr. Livingstone e sem os auxilios d'este missionario encontraram-se deante dos mesmos obstaculos o padre Francisco João Pinto (15) os pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José, (16) Gamitto, e muitos outros que seria impossivel ennumerar.

O padre Francisco João Pinto, na caminhada que teve de fazer com a expedição que dirigiu de Cazembe a Tete, encontrou-se amiudadas vezes no meio de importantes difficuldades, movidas pelo Cazembe, que queria impedil-o de partir para Angola. Os pombeiros referidos gastaram mais de nove annos para fazer a derrota desde as terras do Casange até Tete.

e) E' conhecida a fervorosa propaganda mahometana, que se alastra por uma parte importante do territorio africano. Aproveitando-se do clima propicio ao desenvolvimento da sensualidade, o mahometismo tem desde sempre escolhido de preferencia a Africa, como terreno predilecto.

O *madhismo*, de que se começou a fallar insistentemente desde 1879, é a invasão do mahometismo contra a vida de pura natureza do indigena ou contra as practicas religiosas importadas da Europa. O *madhismo* alastra-se com uma impetuosidade vertiginosa na Africa; em 1884 os *ma-*

(14) Cap. IV, pa 3. 77.

(15) Annaes maritimos e coloniaes, 5.<sup>a</sup> serie, pag. 162—203.

(16) Ibi dem, 3.<sup>a</sup> serie, pag. 235—239.

*dhistas* invadiram a provincia *Bahrel-Ghasel* e aprisionaram o seu governador *Lupton-Bey*; mais tarde *Emim-Pachá* vê-se obrigado a abandonar Lado, mudando os seus armamentos e rebanhos para um territorio do sul, Ouadelai, (*Bahar-el-Djebel*). (17)

O conselheiro Marianno de Carvalho, em esses artigos publicados no Diário Popular, considera a propaganda do mahometismo em Africa como uma causa imminente do desaparecimento do nosso dominio no territorio Oriental.

Ora ninguem ignora o odio que o mahometismo vota ao missionario christão; não exageramos, dizendo que o missionario christão deve considerar o mahometismo como um dos grandes obstaculos á sua actividade civilisadora. (18)

f) Accrescentamos a estes obstaculos a incuria dos governos portuguezes, descurando completamente o nosso dominio colonial, abandonando com um desleixo, significativo de desmazelo e da mais absoluta sinecura, tudo o que se reiere á civilisação da Africa, e formaremos um conceito approximado dos entraves immensos que encontra o apostolo que tenta civilisar o continente negro.

Depois de termos exposto as mais importantes causas, que difficultam a civilisação da Africa, examinemos as qualidades que devem possuir os missionarios, afim de mais tarde concluirmos que só com os missionarios regulares é que podemos sustentar florescente o dominio africano. Julgamos importantissima e fundamental esta pequena secção, onde demonstraremos a grande difficultade de encontrar entre os missionarios seculares bons pregoeiros do Christianismo e devotados civilisadores de Africa.

a) Resumindo em synthese os obstaculos ha pouco referidos: elima mais ou menos insalubre, desertos immensos, montanhas elevadas, a *tse-tse*, o odio que o africano vota ao

---

(17) «La délivrance de Emim Pachá» por J. Scott Keltie. Introduction, pag. III-V.

(18) Obras do Cardeal Saraiva, tom. V, pag. 246; D. José de Lacerda, Exame das viagens do dr. Livingstone, pag. IX.

Europeu, a repulsão dos indigenas fronteiros, o odio mahometano, etc., bem comprehendemos que o missionario africano ao abandonar a casa da familia deve levar no coração outro mundo maior do que a sua patria, um ideal mais elevado que o lustre estrepitoso do seu nome, a maior de todas as abnegações, a da propria vida. E esta abnegação, em geral, só a possui o que tiver uma fé vivissima nas verdades religiosas, uma caridade ardente e mesmo extraordinaria.

b) Ainda mais: se a todas estas qualidades, que são de si mui raras, não acrescer a sublime virtude da obediencia, pelo qual o missionario simplesmente execute como ordem divina o mandato de um seu superior, poucos serão os frutos de qualquer trabalho d'esta ordem.

Não contestamos a possibilidade de um missionario saltar em plagas africanas, intimamente convicto e resolvido a praticar o dever, pondo de parte a minima conveniencia e a menor commodidade; mas, no momento opportuno, é muito possivel, se não provavel até, transformar a linha recta do dever n'uma curva embora imperceptivel das suas conveniencias. O missionario é tambem um homem.

Desde que haja uma obediencia cega e illimitada á ordem do superior, como acontece nas ordens religiosas, as inconveniencias acima referidas desaparecem.

Em 1626 os jesuitas que se encontravam no Congo, depois da violencia brutal de D. Garcia, teriam voltado para Lisboa, senão os impossibilitasse a heroica submissão do collegio ao Geral. Medite-se bem a mensagem que o reitor do collegio redigiu para enviar ao Geral da sua ordem, a que mais tarde nos referiremos e observaremos que muito menor numero de motivos teria levado a embarcar um missionario secular para a metropole.

Teria por ventura voltado novamente á Africa o inclito Balthazar Barreira, de 66 annos de idade, elle que tinha combatido em Angola no verdor dos annos (1574-1589) e que encontrara na metropole, de volta, as desconfianças de todos e o odio de muitos invejosos, se não descobrisse no convite do seu superior a voz de Deus?

Abandonaria a sua cadeira de theologia em Evora e trocaria voluntariamente um relativo bem estar pela atmosphera pestilencial da Guiné? Nunca, dizemol-o ousadamente.

Em 1641, depois da invasão hollandeza em Angola, os missionarios, se não fossem regulares, prestar-se-hiam a viver como escravos em Angola e no Congo, n'um periodo de tempo bastante prolongado (1641-1648) se a isso os não obrigasse o voto da obediencia?

A' face d'estes factos e de muitos outros a que nos havemos de referir successivamente, concluimos que a obediencia regular é uma das condições necessarias n'um bom missionario.

c) Os missionarios devem possuir um certo numero de habilitações scientificas e o conhecimento practico das artes e officios; entre as habilitações scientificas deve sobresahir a medicina.

Algures, não nos recorda o lugar, lemos que o indigena entrega-se todo nas mãos de quem lhe minorar uma dôr ou qualquer incommodo physico. D'este modo o missionario possue um meio de alcançar a amizade do indigena, necessaria para a sua conversão.

Muito bem affirmam o dr. Livingstone, Padre Barroso e D. José de Lacerda, que mal opinam os que veem no missionario simplesmente um homem que percorre o mundo com a Biblia debaixo do braço; porque são muito variados e amplos os deveres que lhe incumbem e para os desempenhar condigna e utilmente é necessaria aptidão especial.

Além da medicina embora rudimentar, agricultura etc, deve o missionario possuir o conhecimento d'artes e officios. E' para imitar n'este ponto o procedimento do dr. Livingstone, que nos informa ser a casa de Kolabang a tereceira por elle edificada com as suas proprias mãos. (19)

Mais tarde, quando nos referirmos á organisação moderna das missões, diremos mais desenvolvidamente sobre este assumpto.

---

(19) Living. obr. cit. cap. II pag. 40.

É frequente encontrar-se nos livros d'alguns auctores, que defendem e bem as missões religiosas possuindo elementos seculares com o conhecimento d'artes e officios, uma allusão ás missões antigas, como se ellas desconhecessem esta necessidade.

Nada mais falso; sem nos demorarmos, pois adiante nos referiremos de novo a este assumpto, bastará citar os irmãos leigos da *Companhia* e a missão que acompanhou D. João I a Ceuta; com ella iam pedreiros, carpinteiros, etc. (20)

d) O missionario deve sempre primar pela cuidadosa diligencia e melhor modo de tentar com os indigenas. Muitas vezes uma palavra de favor, um olhar affectuoso, são armas e não de pouca valia, das quaes podem a tempo ou antes com frequencia servir-se os missionarios.

Entre os nobres heroes do passado possuímos um missionario notavel, sob este ponto de vista: é S. Francisco Xavier. E' notavel o modo como este apostolo da civilisação se relaciona com o indigena. (21)

O dr. Livingstone, quando exige esta capital qualidade no missionario, escuda-se na auctoridade de S. Francisco Xavier. E' conveniente archivar esta declaração d'um missionario protestante e inglez.

e) E' tambem necessario, absolutamente necessario, que o missionario se mantenha n'uma independencia constante dos indigenas a quem ensina a verdadeira doutrina e a quem procura converter. O missionario não deve ser commerciante, pois que as relações commerciaes collocam-n'o n'uma dependencia constante do indigena e desviam-n'o do verdadeiro fito: a conversão do infiel.

São conhecidas as ideias do missionario protestante sobre este assumpto; com a Biblia na mão esquerda, esses pombeiros suspendem da direita peças de panno, ou melhor,

---

(20) Fr. Luiz de Sousa, Historia de S. Domingos, tom. III. livro II. cap. XIX.

(21) Vida do Padre Francisco Xavier, pelo Padre João de Lucca. 1600. cap. XII, liv. III.

afim de mais desassombradamente negociarem, usam tambem da Biblia.

O dr. Livingstone, practicando como todos os demais missionarios anglicanos, não se atreve a affirmar desassombradamente que o missionario deve ser negociante.

Primeiramente estabelece a necessidade que tem o missionario de ser commerciante, afim de retirar as tribus selvagens do estado de isolamento e prostação em que se encontram ha tantos seculos; o missionario deve inspirar o amor pelo trabalho ao indigena e para isso é conveniente obrigar-o a entrar em relações commerciaes com os seus circumvisinhos; d'este modo o selvagem convence-se de que necessita da vida social, do trabalho, para grangear os meios de subsistencia e um certo numero de commodidades. Ora, para que o missionario consiga este resultado, necessita de ser commerciante. Assim é que os missionarios de Kurumam, obrigados a entrar em relações commerciaes com os indigenas, pediram licença ao governo de se estabelecer na sua residencia um commerciante, que em pouco se retirou rico á vida particular.

Mas, Levingstone, depois de ter assente esta doutrina, lembra-se da independencia do missionario e reconhece que o missionario commercial no meio das relações commerciaes, está em completa dependencia do indigena. Tendo presente esta consideração, adverte Livingstone, que o missionario, embora lhe seja licito commerciar, não deve nunca entrar em relações de tal ordem com os indigenas. Assim se contradiz Livingstone!

Mas... o missionario inglez é commerciante; é necessario defendel-o. Por isso é que o mesmo auctor, quasi arrependido do que escreveu, reconhece a necessidade dos missionarios commerciantes, ponderando que a troca das mercadorias é o unico meio pelo qual o missionario no interior d'África póde pagar as despezas que faz, por não correr ali moeda alguma.

Custa-nos a conceber como Livingstone confunde a retribuição dos alimentos necessarios á vida, com a usual la-



butação, praticas e proceder da vida dos commerciantes! Chegamos a duvidar da sinceridade d'este auctor.

Por ultimo, diremos que o missionario, como tal, nunca deve ser commerciante sob pena de abdicar o seu muuus sacratissimo.

Deante do que acabamos de expôr não temos a menor duvida em concluir que o missionario regular é ineontestavelmente superior aos seculares, embora nomes illustres, verdadeiras glorias nacionaes, rivalisem em nossos tempos com os civilisadores regulares do passado.

ABEL ANDRADE.

---

## SURSUM . CORDA !

---

### I

Vêdes a nave que á vela  
 Voga no alto, immenso mar?  
 Furente a agoita a procella,  
 Sem breve tregoa lhe dar!  
 Voga, batel peregrino,  
 Segue teu rumo e destino.

Querem-n'a as vagas iradas  
 Já com violencia expellir,  
 Já nas fauces dilatadas  
 Espedajar e sumir!  
 Voga, barquinha, sem medo  
 Da tormenta e do mar tredo.

Contra os mastros se enfurece  
 O tufão assolador:  
 E ella vacilla, estremece,  
 Pende no abysmo... que horror!  
 Voga, nave, firme e forte,  
 Co' a prôa sempre em teu norte.

Corre a onda e se avoluma,  
 A' coberta lhe trepou,  
 E densa, amarella escuma  
 A po' re barca occultou!  
 Mas surge, voga, barquinha,  
 Que a terra, a patria é visinha.

Sobre as montanhas abruptas  
 Das aguas boiando irás;  
 Prompta sempre a novas luctas,  
 Mil p'rigos arrostará:  
 Viva conserva a esperanza,  
 Que já vem perto a bonança.

## II

Eis, ó pobre alma minha, a tua imagem!  
 Entre angustias e eternas provações,  
 Que a ventura na terra é só miragem  
 Não te dizem crueis desillusões?

Tu que em tanto soffrer tanto te agitas,  
 Sabes o porto onde acharás allim,  
 Entre luzes perennes, infinitas,  
 Segurança, repouso e paz sem fim.

E bem conheces o phanal divino,  
 Que ha de guiar-te áquella luz sem véo.  
 Voga, nau da minha alma, ao teu destino,  
 Até chegar á tua *patria*, o céu!

Has-de viver então sobre as estrellas,  
 Esses milhões de mundos dominar  
 Que em ordein e harmonia exactas, bellas,  
 Do espaço, na amplidão tu vés girar.

Segredos para ti a natureza  
 Na terra não terá, no mar, nos céos:  
 Porque possuirás da sciencia a alteza,  
 Bebendo-a a fluz na fonte sua, Deus!

E do Senhor na mystica cidade,  
 No luminoso seio de Abrãão.  
 Possuirás por toda a eternidade  
 Da bemaventurança o galardão.

Oh! a que mais aspirar póde o homem?  
 E que coisa mais doce, superior  
 A ventura que os séc'los não consomem,  
 —Possuir a Deus n'um sempiterno ardor?!

Exulta, pois, minh'alma, um canto entoando  
 Cujo som encha a terra, o mar e os céos,  
 E vá pelo universo conclamando:  
 «Quam grande é o homem e quam bom é Deus!»

Lisboa.

A. MOREIRA BELLO.

---

## RELIGIÃO E PÁTRIA!

---

Religião e Pátria—eis duas palavras que encerram um poema heroico, em pró de duas causas santíssimas—a causa de Deus e a causa da humanidade!

Religião e Pátria!—eis duas palavras que entretecem uma cadeia de affectos os mais generosos, de sentimentos os mais sublimes, de ideias as mais grandiosas; de progresso o mais florescente, de monumentos os mais perduraveis!

Religião e Pátria!—eis duas palavras que tem o magico condão de nos evocar do esquecimento uma epopeia de glórias, uma serie ininterrompida de commettimentos os mais altaneiros, transpondo obstaculos mais que humanos, vencendo resistencias impossiveis para quem não tivesse a inflamar-lhe o peito adamantino o amor de Deus e o amor da patria!

Religião e Pátria!—eis duas palavras, duas potencias creadoras, que geraram as obras esplendidas do genio, na plastica, na esculptura, na poesia, na eloquencia e na musica!

Religião e Pátria!—fostes vós, fonte purissima do genio, que produzistes um Homero com sua Illiada, um Virgilio com sua Eneiada, um Demosthenes com suas Orações, um Alexandre com seu gladio invencivel, um Pindaro com suas odes, um Cicero com suas Catillinarias, um Horacio com sua

critica, um Bossuet com suas inimitáveis orações fúnebres, um Fénelon, com seu Telemaco, um Vieira com seus sermões, um Milton com seu Paraíso, um Dante com sua «Comedia», um Chateaubriand com seus Martyres. . . .

Religião e Patria!—eis duas palavras que alguns sábios presumidos d'este seculo positivista e material têm pretendido serem encontradas e antinomicas.

Esse supposto antagonismo estabelecido geralmente por homens menos instruidos que orgulhosos, desabam perante a analyse imparcial e fria dos factos, cuja linguagem é muda, mas eloquente.

E com effeito que póde haver de opposto ou contradictorio entre o amor da patria e o amor de Deus?

Que póde haver de contradictorio entre o amor reciproco de homens que têm a mesma crença, a mesma lingua, a mesma origem, e o amor de Deus que é o objecto d'essa crença, a fonte d'essa origem e que criou o homem como ente essencialmente social?

Bem ao contrario; quanto a mim não ha homem genuinamente patriota, que possua puro esse sentimento de civismo apregoado *urbi et orbi* pelos que se dizem paladinos de todas as liberdades, quando lhe falta a crença em Deus.

Uma vista *à vol d'oiseau* por sobre as paginas da historia bastará a provar o que levo dito.

Na antiguidade entre os povos ciosos da sua autonomia, um dos que mais a presavam, era por sem duvida o povo hebreu.

E todavia alliava de tal modo a crença na Divindade, com o amor da Patria, que antes de entrar em lucta com os inimigos do seu Deus e dos seus lares, levantava aras a Jehovah, a quem fazia holocaustos pelo exito das suas armas.

Entre este povo floresceu a geração dos Machabeus, profundamente patriotas, mas profundamente religiosos.

Nasceu tambem d'entre o mesmo povo uma Judith, que ajoelhára ante o conspecto do Senhor, antes de entrar no Campo de Holofernes a decepar-lhe a cabeça. E não trepidou

ante os mil perigos a arrostar, essa mulher, typo de heroísmo.

E' que na sua mente achavam-se gravadas em caracteres d'ouro as palavras que davam a explicação cabal da sua missão—A LIBERTAÇÃO DO SEU POVO.

E' que o seu coração era a sarça ardente do meio da qual irrompia a voz sublime mas chorosa da Patria, que lhe exorava salvação.

D'entre esse povo brotou ainda uma planta viçosa: Esther. Ao vê-lo em perigo, manda fazer penitencia, implora o soccorro do Deus de Jacob e affrontando uma morte certa vae prostrar-se ante a Magestade de Assuéro, e obtem não só a liberdade do seu povo, mas fez subir á arvore levantada para Mardocheu, o seu maior perseguidor!

Rasgo sublime de amor patrio!

Prova irrecusavel da efficacia das suas preces ao Eterno!

E se não bastam estes exemplos frisantissimos a provar a união indestructivel d'estes dois sentimentos, compulsem-se as paginas da historia, que toda ella é um exemplo continuo do intimo liame que prende estes dois amores — o amor de Deus e o amor da Patria!

\*

\* \*

Todo o homem de bom senso, cujo procedimento é pautado por um criterio justo e seguro, sabe que jamais se poderam separar a Religião e a Patria.

Vejamos. Na descripção dos errôres de Eneas feita pela immortal penna do Mantuano, não foi olvidada a circumstancia da mudança de patria juntamente com os penates.

Ainda que isto não fosse senão uma ficção do poeta, mostrava todavia quam intimas e inseparaveis são estas duas ideias.

E o povo romano, esse grande conquistador, esse povo comprehendedor de enormes commettimentos, não provou tambem a verdade do que affirmo?

Não lutavam os gregos e romanos «*pro aris et focis?*» Não invocaram elles os seus numes antes do combate, antes da promulgação das leis, e na conclusão de seus pactos?

Acaso Roma, a propria Roma pagã, derribava os altares dos povos que ia agridhoando ao seu dominio de ferro, atrelando ao seu carro triumphante?

Apoz a victoria não iam os conquistadores em coches marchetados de diamantes e topasios, tirados pelos reis e principes prisioneiros, ao Capitolio, offerrecer a Jupiter os despojos do seu triumpho?

E não será isto um testemunho de que a ideia da patria anda intimamente casada com a ideia da religião?

A propria bandeira da patria nos falla de religião. Desde a Aguia Romana até ao Labaro de Constantino com a legenda «*in hoc signo vinces*», desde o pendão dos antigos republicos até aos estandartes das cidades, não houve bandeira que não tivesse algum signal religioso, que não tivesse pousado sobre os altares, que não tivesse recebido a benção da religião.

\*

\* \*

E fallando de Religião e Patria com respeito ao sólo abençoado de Portugal, que vêmos senão uma cadeia de factos a provarem a verdade da união d'estes dois sentimentos?

Não vêmos os nossos heroicos navegadores, esses impavidos nautas que affrontam a furia dos elementos para ir longe, bem longe nos confins da terra desfraldar aos quatro ventos duas bandeiras, ambas santas, ambas redemptoras — a bandeira das Quinas e a bandeira da Cruz?

Não vêmos um S. Francisco Xavier conquistar milhares de almas para Deus e milhares de súditos para Portugal?

E em nossos dias quem não conhece esse vulto proeminente do clero portuguez, o grande apostolo da civilização e da fé, que vae atravessando o continente no meio de ovações e triumphos, a fronte crestada pelo sol dos tropicos.

resistindo aos contagios e ao cansaço, só para evangelisar selvagens e fazer respeitado o nome augusto da nossa querida Patria?

Quem não conhece o illustre e popular missionario Barroso?

Ah! bendita sejas tu, religião de Jesus, que fazes do homem um heroe, um benemerito de Deus e da humanidade!

Famalicão Janeiro de 1892.

ANTONIO DIAS DA COSTA.



Sobre o cerrado da trevas,  
O' astro de mago encanto,  
Na trajectoria que levas  
Desdobra teu niveo manto.

Qu'importa d'arboreos troncos  
Phantasmagorico aspecto,  
Graniticos vultos broncos  
Do mais terrifico effeito,

Se o firmamento asserenas  
As noites tornando bellas  
Tè minhas queridas camenas  
Melhor se inspirarem n'ellas?

Amo-te sempre; mas quando  
Entre as ribas alterosas  
Teu palor 'stá prateando  
As aguas silenciosas,

Ou inda—subida graça!  
Quando Morpheu me permite  
Que da alcova p'la vidraça  
Teu rosto sereno lize,

Não sei que extranha magia  
Sinto então apoderar-se  
D'esta alma que se mebria,  
Sempre affeita a contristar-se.

Braga.

ALBANO BELLINO.

# A EGREJA

Quando a tempestade estala nas alturas tem sempre por antemural a montanha que lhe detem as iras e os bramidos, protegendo com a sua molle immensa o valle que lhe descansa opposto á encosta fustigada. Tal é a Egreja. As paixões humanas vêm cahir sobre o campo social como o facho da destruição e o hymno da morte e ella sae-lhes ao encontro vencendo-as e esmagando-as.

A historia é a confirmação do que levo dicto, porque a historia—mas a historia imparcial—é a apologia do christianismo.

Que admiravel não é o ver arcarem-se como dois titans collossaes a Egreja e o seculo! Um desenrola a todos os ventos a sua bandeira de perdão, e o outro hastea em todas as nações o balsão ensanguentado da guerra. Aquelle fecunda com o trabalho todas as grandezas, este galardôa com o escarneo todas as dedicações. O primeiro é archetypo sublime do bello e propagandista incansavel do bem, o segundo devora dentro de si mesmo os crimes mais hediondos, e elabora no seio monstruosidades inconcebíveis. Um creou a vida moderna pela cruz, e o outro lançou a perturbação em todos os estados pela Revolução.

Firme como a rocha no meio do oceano, a Egreja está firme no meio do mundo.

Podem para ella correr dias aziagos; podem varejal-a tormentas horriveis; pôde a sciencia, mentindo, calumnial-a e a politica que é quasi sempre a arma do interesse, pôde cercar-lhe pouco e pouco todas as garantias. Mas que importa? Será tudo em balde. Tudo isso é apenas a nuvem que vem momentaneamente toldar os esplendores das instituições de Jesus. Porque Elle é um sol que para não ter occaso, repontou primeiro em todos os espiritos; é uma luz que para brilhar sem sombras, surge incoercivel em todas as intelligencias; é um ideal que para não ter horisontes, flammejou imperecivel em todas as almas.



Uma criação que é tão fecunda, e uma instituição que é tão universal, não deve temer os repellões do odio, nem o fanatismo assomado das seitas. Cravou as raizes na consciencia da humanidade e tem a sua ultimação definitiva para além das raias do tempo. O seu passado é a garantia do seu futuro. Ella venceu a tyrannia dos cesares, a tyrannia das paixões, e o orgulho dos heresiarchas. A uns deslumbrou-os pela audacia; a outros esmagou-os com o heroismo da cruz; a estes ultimos atterrou-os com o ferro candente do anathema.

A instituição pois que tem o imperio das almas, não deve temer as prepotencias dos grandes, e aquella que enraizou a sua fé no espirito da humanidade, não tem a temer que os philosophos a derrubem ou pervertam.

Collegio de S. Dámaso 10 1-92.

J. MACHADO.

## TU ES PETRUS...

Ficára a humanidade ferida de morte pelo peccado dos proto-parentes do genero humano; mas Deus, em sua alta misericordia, não permittiu que esta infelicidade fosse sem remedio, e no excesso do seu amor pelos homens, prometeulhes um Redemptor, e, chegado o tempo assignalado na mente Divina, mandou o Seu Unigenito levantál-os do abatimento, em que estavam abysmados.

Jesus Christo vem ao mundo, nasce e vive na mais profunda humildade, para ensinar aos homens o desprezo das grandezas e vaidades da terra; vive submisso a sua Mãe e a seu Pae Putativo, inculcando-nos d'este modo o respeito aos superiores; depois, chegado o tempo de cumprir publicamente a sua missão, chama para junto de Si os futuros Apostolos da sua doutrina, e começa a ensinar pregando e doutrinando os povos, e a mostrar o seu poder, operando prodigiosos milagres.

Da sua boca Divina sahem as mais sublimes doutrinas, que o mundo tem escutado; castiga o peccado, mas acolhe benignamente o peccador, que se prostra a seus pés, implorando perdão; exalta e inculca todas as virtudes, fulmina todos os vícios: ensina enfim com a palavra e com o exemplo, a todos os homens, o caminho da salvação eterna; e para mostrar-lhes que nada mais tinha que dar-lhes, além da sua vida, morre por nós arvorado na Cruz, afim de que o seu Sangue derramado n'aquelle sacrificio espantoso, nos abrisse as portas do céu! . .

Mas não param aqui as provas do amor de Jesus Christo para conosco.

Tendo de subir para junto de seu Eterno Pae, a gozar no céu a gloria, que os homens lhe negaram na terra, não quer deixar seus filhos abandonados, entregues ás loucuras na sua razão desvairada, e aos embates de suas paixões impetuosas; sem um guia seguro, que os encaminhe, durante a sua peregrinação n'este mundo. Institue pois esta sociedade docente—a Egreja Catholica—, a cujos paternaes cuidados entrega a humanidade, e escolhe o Apostolo S. Pedro para chefe d'essa sociedade, pedra angular d'esse edificio assombroso, que tem resistido e resistirá a todos os combates, com que o espirito do mal pretende derrubar-o! . .

Fôra S. Pedro quem primeiro dera publico testemunho da divindade de Jesus, quando perguntando este:—Quem dizem os homens que é o filho do homem? elle respondeu: Tu és Christo Filho de Deus Vivo; fôra a Pedro que Jesus disse: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja; fôra tambem a Pedro que Jesus prometteu pedir a seu Pae, para que a sua Fé lhe não faltasse.

Estava pois lançado o alicerce do famoso edificio; o primado de Pedro estava estabelecido, o Collegio Apostolico já tinha um chefe, e a Egreja, depositaria da doutrina de Jesus e continuadora da sua obra divina; já tinha um piloto, para a dirigir por entre as tempestades, que haviam de assaltar-a no decurso dos seculos; um pharol, para alumiar-lhe os passos por meio das trevas, de que os erros haviam de

cercal-a; uma cabeça visível, que presidisse a seus destinos, até á consummação dos seculos! . . .

Em vão pois se levantam as ondas alterosas da revolução e da impiedade contra a Cadeira dos Successores de Pedro, é impotente a sua raiva e o seu furor, porque Jesus Christo disse que as portas do inferno não prevaleceriam contra a sua obra! . . .

Pedro vive, ha perto de vinte seculos, na pessoa de seus successores, para desespero e confusão da impiedade; curva-se reverente o mundo catholico deante d'esta soberania, unica no mundo, que as revoluções não tem conseguido, nem conseguirão jamais destruir, porque a palavra de Deus não falla! . . .

No meio da corrente caudal de erros, que os incredulos espalham por todo o mundo, procurando desviar os fieis das crenças suaves e consoladoras do catholicismo, e plantar-lhes no coração a descrença, a impiedade, o desprezo a tudo que ha de mais sagrado, no meio d'estes erros, levantemos os olhos para o Vaticano. Alli está o Mestre infallivel da verdade; alli está aquelle, a quem Jesus prometteram estar com elle até á consummação dos seculos, inspirar suas decisões, guiar seus passos, sempre que se tractasse do dogma e da moral; alli está Pedro, chefe da Egreja, columna e firmamento da verdade! . . .

E' a sua palavra, são os seus ensinós, que devem ser a columna luminosa que, assim como guiava os Israelitas no deserto, nos guie tambem no meio d'este intrincado labyrintho de erros, sophismas e embustes, como a impiedade e a malvadez dos homens tem a louca pretensão de submeter o mundo ao seu despotico imperio! . . . Tudo com o Papa: nada sem o Papa.

Filhos obedientes da Egreja, unamo-nos d'alma e coração ao successor de S. Pedro, ao Romano Pontifice, Representante de Jesus Christo sobre a terra. Amemol-o como filhos carinhosos, tomemos parte em suas amarguras, que são as da Egreja Universal, e consolemol-o em suas tribulações,

patenteando-lhes claramente, por todos os modos, o nosso amor, dedicação e affecto filial.

Reitor de Mancellos

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

---

## Sub tuum præsidium

---

Tu és oh Virgem, a polar estrella  
Que guia o nauta no revolto mar;  
Tu és, oh virgem, essa flôr singela  
Em que a donzella prende o seu olhar!

Tu és, oh virgem, o pendão fulgente  
Que o soldado anima no ardor da guerra,  
Tu és oh Virgem, o apoio do crente  
Que o Christo adora nos confins da terra.

Tu és, oh virgem, a mãe caridosa  
Do que já sente da orphandade a dôr,  
Tu és, oh Virgem, a mystica rosa,  
Que nos inebria com celeste odor.

Tu és, oh Virgem, a santa enfermeira  
Que consola o que moribundo jaz.  
Tu és, oh Virgem, quem medianeira  
Termina as luctas, restabelece a paz.

# DELEUDA RELIGIO

a Venancio Deslandes Correia Caldeira.

Apesar das sublimes benemerencias do código christão apesar da sua influença equilibradora na constituição de todas as agremiações humanas, apesar do muito que bem mereceu na larga e fecunda historia de quasi vinte seculos d'acção civilisadora, nunca as paixões insoffridas deixaram de gritar o seu nescio — *Deleuda*. E que muito admira? batidas em brécha pelos preccitos bonissimos, que a religião de Jesus lhes oppõe como antemural que não se derrubava impanemente, vendo-se apeadas das aras do paganismo onde se viam divinizadas na turba innumera dos Deuses, cada um dos quaes era a egide d'um vicio, era natural que refervessem em sanha e, na ancia viva do desforço, cahissem em guerra crua sobre os obreiros hemditos da civilisação nova, e tentassem esmagar quem com tão desusado desassombro lhes embarcava o passo e votava ao oprobrio do ostracismo.

E venceram?

Que o diga a historia.

A luta tem sido longa e porfiada. Principiou no Calvario e foi Jesus a victima primeira. Os phariseus — sepulcros caiados — viram abalado o reinado da sua hypocrisia e mandaram-no crucificar como facinora entre bandidos. Crêram extinguir assim a nova seita que os fazia estremecer, mas enganaram-se! A semente estava depositada na alma boa do povo e o sangue que da Cruz manou era o sangue do Ungido do Senhor: tinha em si uma exuberancia divina, por isso fructificou essa immensa seara doirada de justiça e de fé, que desabrochou as florescencias rubras do martyrio.

Quanto pode uma idéa quando tem por base a justiça e por fanal a fé!

Levanta-se por entre os preconceitos do judaismo a voz sublime do Christo, rompe audacissima atravez das persegui-

ções de dentro, e eleva-se—meteoro d'immensa luz —á vista assombrada da humanidade inteira!

A fé dá a ousadia que inflamma os heroes!

O mundo era então um imperio cuja capital soberana descangava nas margens do Tibre. O Cesar, o maior que o proprio Jupiter, tinha a seu lado um feixe de sceptros e ao seu trono luzente via-se accorrentada como troféa glorioso uma constellação de reinos. Dir-se-hia quasi omnipotente. Era a idade aurea do paganismo. Nas aras das Divindades Olimpicas fumegavam os holocaustos sangrentos; os labios dos crentes ciciavam no fervor da prece; innumerados os templos sumptuosos; sem conta as offerendas sagradas; nem minguavam sacerdotes nas pompas do culto e nas festas dos Deuses.

Pois o christianismo —uma idéa—embate com os Cesares e com o paganismo—duas potencias—e leva-os de vencida! Depois de se ter feito ouvir no Senhedrim e na Agora, sobe tambem ao Senado. Que importa que contra ella a raiava impotente invente requintes de martyrio? As idéas não se matam; a fé é indomavel e livre, não se assassina, não se estrangula, não se queima; irrompe das torturas, mais vivida e fulgurante, mais tenaz e mais forte, mais communicativa e mais fecunda.

Quem não ha de ver n'esta primeira luta um milagre?

A voz debil d'um simples homem justicado n'uma cruz —patibulo d'escravos—servido por alguns pescadores ignorantes, não poderia ter feito abalar um throno calçado de thronos e uma religião consagrada por uma tradição longamente secular em pleno esplendor da sua idade aurea.

*(Continua.)*

Coimbra.

J. PEREIRA DA COSTA.

---

# A RELIGIOSIDADE

Ao meu caro amigo o Ill.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Sr.  
Padre Manoel Martins Capella.

## § II

*A explicação positivista. — Herbert Spencer. — O sentimento religioso proveniente da facilidade com que o selvagem tudo crê. — A ideia do OUTRO ELLE. — Refutação do systema.—*

*A theoria animista de Tiele. — Insufficiencia d'esta theoria.*

O positivismo dividiu a vida da humanidade em tres periodos. No primeiro, o periodo theologico, o espirito encontra-se em um estado bastante atrasado, identifica o natural ao sobrenatural, adora feitiços: em uma palavra, o positivismo sustenta que a primeira religião da humanidade foi o feiticismo. Mas a que sentimento obedece o homem para adorar o feitiço? Herbert Spencer assim o explica.

Não querendo sahir para fora do dominio da sensação, affirma que este sentimento vem sempre *de fora* e nunca *de dentro*.

Não fazendo a distincção entre o natural e o sobrenatural, entre o real e o ideal, o selvagem crê tudo não só como possivel, mas até como existente, e porisso toma como real tudo o que passar pela sua imaginação. Se sonha com uma caçada, quando accorda crê que realmente caçou, e contando aos seus companheiros é facilmente acreditado. Mas quem se entregou á arte venatoria, não foi elle; quem percorreu as florestas, bateu os montes, sacudiu os matagaes, foi *outro elle*.

A personalidade do selvagem desdobrou-se em duas. D'este desdobramento encontra uma imagem na sombra que o seu corpo projecta quando está exposto aos raios do sol: não se evolaria esta sombra do corpo do seu defunto pae?

Provas irrecusáveis d'estas metamorphoses encontra-as em grande numero na natureza; Não corre o sol apressado a reclinar-se no fundo do oceano para depois renascer mais bello? Não se encerra a larva em acanhado casulo, que depois rompe para apparecer variegada borboleta? Applicando a si mesmo estas transformações da natureza, não pode crêr que o sepulchro seja o termo da sua existencia; compara-o ao casulo em que tem de se encerrar para regurgir na vida eterna.

Assim começou a crença na immortalidade, em uma região remota primeiro concebida como semelhante a esta vida — eis a razão porque se depunham na sepultura do morto as suas armas e utensilios favoritos — e depois idealizada pela imaginação sempre viva do selvagem. E' d'esta sêde longinqua que os espiritos dos antepassados descem para proteger ou perseguir a sua descendencia, e assim começou o culto dos antepassados. Mais tarde estes espiritos tomaram por residencia qualquer ser, uma arvore, um animal, um monte, etc., transportaram-n'o para a natureza e assim temos as crenças religiosas.

«E' d'esta maneira que se explica a maior potencia moral que tem apparecido na historia».

Um sonho tomado a sério, um conto de duendes, um cobarde terror — eis tudo! Dedicções sublimes, martyres caminhando para as fogueiras ou para o circo de sorriso nos labios, thesouros de caridade, espalhados aos pés da humanidade cruciada, tormento sagrado do infinito, pensamentos profundos dos Agostinhos e Pascaes, sanctos e abrazadores extasis da alma batendo as azas para cima de tudo o que é contingente, aspiração para o ideal, dor pungente do mal commettido, prantos que se não podem estancar, sêde de perdão e de justiça, bastou para vol-os reproduzir, o sonho insensato de um selvagem, embriagado por um festim de caça, e o que a historia humana tem de mais commovente, de mais grandioso, sahio do vapor espesso que exhalava um cerebro doente! A desporporção entre o facto a explicar e a explicação é bem saliente!



Passemos agora á critica d'este systema.

Spencer, como todos os naturalistas, parte da identidade do selvagem com o homem primitivo. Esta base não é muito segura, porque como o proprio Spencer confessa, *ha razões para pensar que o homem dos typos inferiores que hoje existem não sejam specimens do homem tal como existiu nos seus primordios.*

A comparação do selvagem á creança é verdadeira somente debaixo de certos pontos de vista. O selvagem tem a satisfazer as suas necessidades corporaes, prover ao seu sustento, defender-se das agruras do clima, e dos ataques das feras, etc., e para isto tem á sua disposição o raciocinio, a providencia, a astucia e muitos outros meios que faltam á creança: porém assemelha-se a esta na ingenuidade e singeleza das expressões, dos sentimentos, etc. Como Spencer diz, não tem a curiosidade natural, nem mostra surpresa; mas se elle tivesse observado bem encontraria este desejo de tudo explicar *que não tem diques nem barreiras.*

Nada ha mais difficil, affirma Max Müller, do que constatar as creanças religiosas do selvagem, porque não tem symbolo constituido, nem tradicções fixas, nem desejo de comunicar as suas creanças.

Spencer esforça-se por tirar a religião unicamente das sensações agrupando-se e associando-se, o que é um arrojado de concepção.

Quando o selvagem, contemplando as transformações da natureza, conclue a existencia na vida futura, e portanto formula uma lei, eleva-se muito acima do dominio das sensações, vae até onde só pôde chegar a razão.

A idea do *outro elle* que o selvagem tira do seu sonho de caça, alem de absurda, não é tão facil como parece. Destacar do seu ser a idea d'uma outra personalidade, elevar-se d'aqui á creança da immortalidade, é evidente que não é trabalho exclusivo das sensações, é obra da razão. Crer que a sombra do seu corpo é uma evolução do seu defuncto pae, depõe contra o proprio Spencer; a sombra é sempre inseparavel do corpo e só por abstracção é que se pôde separar, o

que excede a percepção sensível. O selvagem que Herbert Spencer imaginou elevou-se do particular ao universal; é a contradição manifesta da theoria.

Diz Spencer que o selvagem não distingue entre o natural e o sobrenatural. Se assim fosse desaparecia o caracter distinctivo da religião e as suas theorias pareceriam vingar por um momento. O celebre positivista com esta affirmacão foi mais uma vez infeliz. Contradis-se escrevendo: *O selvagem crê que tudo o que passa o ordinario é sobrenatural ou divino.*

Que credito devemos dar a Spencer? O selvagem logo que adora, crê no sobrenatural, porque adorar é conceder a maior distincção entre o ordinario e o extraordinario.

Como dissemos, affirmou Spencer que o selvagem não faz a distincção entre o ideal e o real, confunde o seu sonho com a realidade. Apressou-se porém a fazer a derrocada do seu systema escrevendo que um Zulu lhe dissera a seguinte phrase: *Sonhei com meu irmão.* Sabe ou não sabe o selvagem o que é sonhar? Conhece ou não os estados em que as suas impressões correspondem ou deixam de corresponder á realidade?

O sonho pôde ter influencia na crença da vida futura, porque faz reviver a imagem das pessoas queridas que deixaram de existir. Se esta crença existe, funda-se na absoluta identidade do vivo e do morto, e a idea do *outro elle*, a ser verdadeira poria muito em risco esta identidade. No selvagem ha tambem a idea mais ou menos grosseira da retribuição, fundada da identidade do individuo. Se esta perigasse, como a retribuição?

Concluindo, a theoria positivista, e portanto tambem a darwinista que como se vê é muito semelhante, é incapaz de resolver o problema da origem da religião.

As theorias de Darwin e de Spencer foram modificadas por M. Tiele, professor da Universidade de Beyde, no seu systema—o *animismo*.

M. Tiele affirma que os mais antigos povos acreditavam na existencia de muitos espiritos espalhados pela terra, pelo

ar, que apparecem ao homem, ou tomam para sua morada um ser qualquer, vivo ou não, e que então este o venerou collocando-se debaixo da protecção d'esse ser em que julga estar encarnado um espirito. O sabio professor affirma que *alguns d'estes espiritos são considerados como divinos e são objectos de adoração*. Affirmou tambem que havia a crença em um principio superior, embora na practica fosse nulla ou quasi nulla, e egualmente diz que a confiança, a gratidão e a idea de retribuição não são completamente desconhecidas n'esta religião, que nada cura da moralidade e que tem uma crença mui grosseira da immortalidade.

Mas como despertar no homem a idea de seres superiores, sendo um d'estes ainda superior aos outros? Como appareceu a idea da immortalidade?

O animismo é uma religião já bastante complicada e não tão facil como o seu fundador julga.

O sabio abbade de Broglie, tratando d'este assumpto pergunta:

«Se os povos selvagens que, segundo Tiele, são a imagem dos povos primitivos, são capazes d'uma tal subtileza de concepção, com que razão se supporá, que uma religião mais simples, e muito mais elevada, o monotheismo, lhe seja inaccessible?»

«Quem poderá affirmar que o estado religioso é um estado de progresso, e parte da ideia mais baixa de simples espiritos locais para a potencia illimitada, e que pelo contrario não é uma decadencia e uma forma mais complexa d'uma noção primitivamente mais simples, a d'um Espirito Unico?»

«Ha carencia absoluta de provas para fundamentar a primeira asserção.»

Eis a longos traços a explicação dos systemas epicureistas. Occupar-nos-emos agora do systema henotheista de Max Müller, o mais engenhoso e mais racional dos que pertencem ao grupo naturalista.

(*Continúa.*)

Coimbra 40—2—92.

ABUNDIO DA SILVA.

## O PHANTASMA

## I

Não longe da povoação de... existe um antigo castello feudal, cuja origem remonta aos promordios da monarchia. De paredes grossas e frias, de aspecto melancolico e triste, parece mais um covil de ladrões ou feras, do que a habitação do poderoso conde Melina.

Na occasião em que este pequeno romance principia, um homem, segurando n'uma das mãos uma pequena lanterna e na outra uma sacca de provisões, estacionava junto do castello. Parecia ter feito uma longa jornada a julgar pelo suor que lhe impanava o rosto bronzado e pelo pó que lhe cobria a roupa já bastante cossada pelo uso. Depois d'uma breve hesitação aproximou-se do portão e descarregou duas rijas pancadas. Escutou... e como ninguem lhe respondesse, resolveu esperar. Affastou-se para uma parte do castello que parecia completamente abandonada onde se estendia um tapete de verdura e sentou-se. Uma vez alli, monologou: «Pela minha parte fui pontual, agora o senhor Roberto, o amigo particular do conde é que nem por isso. E' o mesmo; tambem emquanto espero e descanso vou tirar a barriga de miserias.»

Dizendo isto tirou do sacco carne e um pedaço de pão e começou a sua pequena refeição. Tinha apenas mastigado alguns bocados, quando sentiu debaixo dos pés um rumor quasi imperceptivel. Poz-se a escutar, mas como nada ouviu...

—E' o ruido d'uma folha que cahe, disse.

E dispunha-se a continuar o trabalho incetado quando um novo ruido o interrompeu segunda vez. Escutou com mais attenção e ouviu uma voz subterranea cantando distintamente:

O filho ingrato qu'a seu pae ultrajou  
 E' a vibora cruel mordendo o seio  
 Do ente que o creou.

O viajante levantou-se d'um pulo como impellido por molla occulta e julgou sonhar. Esfregou os olhos para se convencer de que não dormia, mas outras palavras cantadas n'um tom de voz terrivel e cavernoso lhe feriram os ouvidos:

Caminha, phantasma, na escuridão  
 Da noite lugubre da tua enxovia,  
 Exora a Deus o balsamo e o perdão  
 Para a dôr que o teu peito exerucia.

Não havia que duvidar: a verdade era por demais palpavel para que alguém se enganasse. O pobre homem julgou-se assaltado por uma alma do outro mundo e teve medo. As pernas tremeram-lhe, os ouvidos zumbiram-lhe, a cabeça girou-lhe com uma rapidez vertiginosa. Soltou um grito estridente e cahiu sem sentidos.

.....

Siga-me o leitor ao interior do castello e acompanhe-me aos aposentos do Conde. Reduzem-se a uma sala espaçosa mobilada ao gosto de Luiz XIV e a um pequeno escriptorio que lhe serve de gabinete de trabalho. Com a cabeça apoiada entre as mãos e os cotovellos sobre uma secretária está um homem que parece orçar pelos seus 50 a 60 annos. E' Holston, o conde de Mellina. As rugas que lhe sulcam o rosto denotam n'elle um soffrimento longo e pertinaz e a sua inquietação e mau humor o remorso pungente d'algum crime perpetrado. Na juventude era d'uma ambição desmedida. Seu pae era rico, immensamente rico, mas ainda bastante novo para que seu filho pensasse desde logo em entrar de posse da sua immensa fortuna. Um dia, porém, quando menos se esperava e na occasião mesmo em que o pae de Holston gozava da mais perfeita robustez, os sinos dobraram a finados e por toda a parte se espalhou a noticia da sua morte. O

facto parecia bastante inverosímil, mas era forçoso ceder á evidencia. Do altivo castello roqueiro sahia um prestito funebre, com a maxima pompa imaginavel. O filho acompanhava o funeral deixando escapar do peito anciado suspiros abafados, que baldadamente procurava reprimir. Alguns mezes depois o herdeiro do conde de Melina, trocava os crepes do luto pelos vestidos nupciaes e celebrava o seu casamento com uma senhora tão rica como virtuosa. D'este enlace nasceu um menino baptisado com o nome de Adolpho que era o enlevo dos paes e o anjo do lar. No espaço de vinte annos nada de novo se passou no castello a não ser a morte da condessa que tinha voado ao ceu a gosar o premio das suas virtudes e a partida de Adolpho para a India ao serviço da patria.

Em frente do conde, sentado n'uma poltrona está Ricardo, homem da sua confiança. De aspecto repulsivo, parece exercer sobre Holston um dominio quasi absoluto.

—Senhor conde, disse Roberto depois de um longo silencio, o nosso segredo periga.

—Que dizes? perguntou o conde levantando a cabeça.

—Digo, senhor conde, que se o nosso segredo não está completamente descoberto, a menor imprudencia, terminará por descobri-lo.

—Se não falas mais claro, affirmo-te que não percebo cousa alguma do que dizes.

—Explicar-me-hei, senhor conde. Toda a povoação affirma que a altas horas da noute um Phantasma, carregado de ferros, percorre os subterraneos da parte deserta do castello, soltando gritos lancinantes, e terriveis. Um pobre diabo chegou mesmo a affirmar que o Phantasma era...

—Oh! isso é muito sério, disse o conde limpando o suor que lhe perlava a fronte.

—E tão sério tornou Roberto, que se V. Ex.<sup>a</sup> não toma as devidas providencias estamos irremediavelmente perdidos.

—Esse homem que compareça á minha presença hoje se for possível.

—Já talvez, senhor conde, disse Roberto olhando o relógio.

N'este momento bateram ao portão.

—E' elle, sem duvida. Dentro em pouco apresental-o-hei a V. Ex.<sup>a</sup>, disse Roberto sahindo do quarto.

—Lembra-te que fico impaciente.

Roberto atravessou a passos largos o extenso corredor que o separava da entrada principal e deparou-se-lhe o desconhecido, pallido como um cadaver encostado a uma arvore.

—Então que tens?

—Presentemente nada; mas ha pouco, enquanto esperava sentado na relva junto á parte abandonada do castello, ouvi uma voz...

—Uma voz?! perguntou Roberto empallidecendo,

E depois fallando comsigo mesmo disse:

—Esquecer-me-ia de fechar a porta secreta?

—Sim uma voz, continuou o desconhecido, que me fez arripiar os cabellos; uma voz tão terrivel como as palavras que cantava.

—Ora essa! Tu estás doudo.

—A'gora estou, Deus me conserve sempre o juizo que agora tenho. Primeiramente tambem julguei que sonhava ou que tinha endoidecido, mas depois convenci-me de que o que ouvia era a pura realidade.

A convicção com que aquelle homem fallava fez receiar alguma cousa a Roberto; entrou precipitadamente por uma porta que abriu com o auxilio d'uma chave e que dava comunicação secreta para a parte abandonada do castello, voltando dentro em breve disse como fallando comsigo.

—E' o pobre velho que passa o tempo cantando, e pouco faltou para que tudo se descobrisse.

—Que está para ali a murmurar que ninguem o entende?

—Pensava na voz de que me fallaste.

—Como?! o senhor Roberto nunca a ouviu?

—Eu? nada tenho ouvido, mas dize-me: percebeste algumas das palavras?

—Não entendi nenhuma, porque tudo o que aqui succede é sobrenatural... é o Phantasma que faz tudo isto.

—Como? o Phantasma!

—Sim, o Phantasma: como se toda a gente não soubesse que este castello anda endiabrado, e que, continuou abaixando a voz, e que o senhor conde tem cousa com o mafarrico.

—Conta-se isso?

—Perdão, parece que o confidente do conde deveria saber alguma cousa.

Roberto que desejava continuar a sondal-o não quiz perder a occasião e respondeu:

—E' verdade que não ignoro que algumas vezes se ouve no castello o ruido de cadeias e gemidos abafados; mas que se diz de tudo isto na povoação?

—Vou revellar-lhe um segredo, se me prometter nunca o descobrir, principalmente ao senhor conde Holston.

—Conta com a minha discrição.

—Pois bem. Um dia que minha avó fiava sentada ao lume chamou-me e disse-me: «João, lembra-te do pae do senhor conde Holston?

—Lembro-me muito bem, minha avózinha, disse eu. Lembro-me ainda d'elle como se o estivesse a ver deante de mim.

—«Pois o conde, continuou ella, de um momento para outro adoeceu e indo visital-o como sua antiga creada ouvi dos seus labios a seguinte confissão: «Meu filho quer que eu morra; morrerei! E' justo, Deus pune os criminosos. Deus te perdôe, meu filho, tão nefando crime!» Um dia depois, um corpo sahido do castello era dado á sepultura.

—Diabo! isto começa a inquietar-me. E provavelmente és tu o unico a quem tua avó fez similhante revelação?

—A mim só, assegurovol-o.

—E tu depois não o contaste a pessoa alguma?

—A ninguem absolutamente.

N'este momento, Holston impacientado com a demora



do seu favorito, dirigiu-se para o jardim e aproximando-se de Roberto perguntou:

—E' este o homem de quem me tinhas falado?

—E' este, senhor conde.

—O teu nome, perguntou este depois de um ligeiro exame.

—Eu senhor, chama-me João Jaques Gil Blaz Bonifacio Antunes.

—Está bem! pelo nome não percas, disse o conde sorrindo contra o seu costume. Agora responde-me sem evasivas ás perguntas que vou fazer-te.

—Assim farei.

—Não tinhas tu por avó uma mulher que esteve ao serviço de D. Anselmo, meu pae?

—Tive, senhor conde, chamava-se até Bonifacia Antunes.

—E essa mulher nunca te contou cousas singulares relativas aos habitantes d'este castello?

—Oh! não! nunca, respondeu João Jaques depois d'uma breve hesitação.

—Todavia disseram-me que tinhas dito...

—Disse apenas o que toda a gente sabe... Que no castello apparece um Phantasma carregado de ferros a julgar pelo ruído feito no pavimento do subterraneo.

Holston reconheceu na hesitação de João Jaques e no rubor que de quando em quando lhe subia ao rosto, que elle lhe occultava parte do que sabia. E foi por isso que, com uma frieza que gelava o sangue, se voltou para Roberto que ouvia o dialogo sem pestanejar e lhe disse:

—Roberto, conduz este homem á torre do norte e da-lhe por unico alimento durante oito dias pão e agua.

—Piedade, senhor! exclamou João Jaques lançando-se aos pés do conde. Por mim, por meu pobre pae, velho e enfermo não me mateis.

Ao ouvir pronunciar o nome de pae, o conde teve um estremecimento nervoso e ficou pensativo por algum tempo. O doce nome de pae, despertou-lhe n'alma os sentimentos

que desde ha muito recaleava e o remorso cravou-se-lhe no coração como punhal acerado.

E' que o amor paterno, sepulto como a centella, irrompe ás vezes vehemente como a lava de um vulcão, e o sofrimento torna-se então mil vezes mais atroz e cruciante. Foi o que succedeu com o conde. Envolvendo o que ha de mais puro e santo na tela negra do crime, procurou coloril-o com o brillantismo do ouro e o nectar traçoeiro dos prazeres e ella sempre negra, sempre medonha, como o crime que envolvia. Foi porisso que Holston ao vê aquelle homem tão rude e tão simples, pedir a vida só por causa da vida de seu pae, teve o estremecimento e duas lagrimas candentes como o ferro em brasa lhe marejaram os olhos e que elle a custo reprimiu.

Dirigiu-se depois para João Jacques que o contemplava absorto e perguntou-lhe commovido:

—Tu alimentas teu pae?

—Alimento, senhor conde. Elle é velho e eu sou novo; sustentou-me enquanto eu era pequenino, agora sustento-o eu que é velho e doente.

—Que mal me faz este homem, murmurou o conde; que cruel censura ao meu proceder!

—Posso retirar-me?

—Pódes; mas treme da minha cólera, se ousas fallar em bem ou em mal dos habitantes d'este castello.

—A minha bocca d'ora ávante será a bocca d'um cadaver.

—Confio em ti. Adeus!

João Jacques pegou na lanterna e no sacco; fez um ligeiro cumprimento e desapareceu por entre a folhagem do bosque.

Holston e Roberto ficaram sós.

—Espanta-me, disse Roberto depois d'uma pausa, que V. Ex.<sup>a</sup> deixasse escapar o passaro depois de o ter na mão.

—Que queres! a amizade que elle parecia consagrara seu pae commoveu-me.

—Não duvido; é verdade que o conde Holston tem mudado consideravelmente de algum tempo a esta parte.

—Ah! Roberto, se soubesses quanto eu soffro!

—E pensa V. Ex.<sup>a</sup> que eu não soffro tambem?

—Que comparação pôde haver entre o teu soffrimento e o meu?

—Que comparação!.. a que ha entre um pobre diabo e...

—Roberto, nada de impertinencias. . . Eu não sei o que me impede de expurgar a terra d'um monstro como tu.

Um d'esses sorrisos que irritam e estonteam, assomou aos labios do creado do conde, e pondo-lhe familiarmente a mão no hombro disse:

—V. Ex.<sup>a</sup> não ousaria. . . Roberto o scelerado . . . Roberto, o fugitivo das galés, desafia toda a colera do mui alto, do mui nobre, do mui virtuoso D. Holston, senhor de Acosta, conde de Melina e cavalleiro da Ordem de Alcantara. . .

Uma pallidez mortal descorou as feições do conde; ironia tão pungente arremessada por um villão ás faecs d'um fidalgo era a maior affronta que o seu orgulho podia receber. Puxou d'um punhal e levantou o braço.

Roberto affastou-se um pouco e sempre com o sorriso zombeteiro a bailar-lhe nos labios e a ironia na voz continuou:

—Oh! escute, senhor conde. Pensa V. Ex.<sup>a</sup> que eu tivesse vivido 30 annos, sem ter tomado as minhas precauções? Se assim pensa, permitta-me que lh'o diga, engana-se redondamente.

Com homens como Holston toda a prudencia é pouca...

Fala V. Ex.<sup>a</sup> em me matar!... Desgraçado do conde de Melina se a minha morte precedesse a d'elle! Um documento sellado e devidamente authenticado está nas mãos d'um tabellião; este documento contém a relação do crime que ajudei a commetter, e será aberto immediatamente depois da minha morte.

O conde enquanto Roberto fallava tinha abaixado gra-

dualmente o punhal porque conhecia sufficientemente Roberto para o julgar capaz das mais infames tentativas.

—Muito bem! senhor conde, agora que vejo estar d'outro accordo, quero que d'ora ávante cessem as invectivas. Lembre-se que a cumplicidade no crime aproxima as distancias de modo que Roberto e a conde Holston são eguaes. A mão conde.

Este hesitou.

—Vamos; nada de creancias.

E apertou na sua, a mão d'Holston.

— Adeus, vou retirar-me para dentro; a freseura da manhã poderia incommodar-me e V. Ex.<sup>a</sup> aprecia sobremaneira a minha saude.

Roberto retirou-se e o conde ficou só com a cabeça pendida por algum tempo. De repente deu um pulo como se tivesse sido mordido por uma vibora; as faces perpurearam-se-lhe e os olhos despediam chispas.

—Raiva! furor! maldição! Um creado, um vil arrancado ás galés, o egual de Holston! . . . e tocou esta mão e apertou-a nas suas mãos impuras. Humilhação degradante! . . . e não ter eu coragem para esmagar a cabeça de encontro a este muro . . . e não ter eu força para esmagar entre as minhas mãos o corpo d'aquelle asqueroso reptil . . . Oh! como Deus é justo! . . .

O conde quasi desfallecido encostou-se a uma arvore para não cahir. No cerebro fervilhavam-lhe um montão de pensamentos e no coração albergavam-se-lhe os sentimentos mais encontrados. O sangue latejava-lhe nas fontes como o vapor n'uma caldeira e a febre escandecia-lhe o cerebro. Sobreveiu o delirio e com este teve o conde uma visão. Um velho carregado de ferros ia-se approximando pouco a pouco. O seu corpo quasi em completa nudez deixava vêr os ossos mirrados atravez da transparencia da pelle; os grillhões que lhe algemavam os pulsos retiniam aos seus ouvidos como melodia satanica; da testa corria-lhe um fio de sangue que borrifava as faces do conde como gottas encandecentes de enxofre, e o seu andar vagaroso e tetrico similhava e do sup-

pliciado caminhando para o cadafalso. O Phantasma aproximou-se do conde, levantou o braço descarnado e regongou com voz infernal:

— Filho maldito: o teu crime é nefando como o pensamento que t'ó inspirou. Teu pae, a victima immolada á tua ambição, pede-te a morte. Toma este punhal; enterra-m'ó no mais fundo do coração e lava com o meu sangue o pesadello eterno que te roe as entranhas.

O conde ao ouvir estas palavras tremeu violentamente como a debil canna açoutada pelo vendaval. Tinha os cabellos eriçados, as faces desbotadas pela pallidez da morte e nos olhos a morbidez cadaverica. O delirio havia passado e com elle desaparecido a visão. Olhou em roda com espanto indefinivel, e as mãos brancas de cêra agitavam-se procurando um ponto de apoio. Não parecia um ser vivo, mas um morto arrancado á valla da sua gelida sepultura.

A aragem da manhã refrescou-lhe algum tanto as ardenças de febre, e os raios do sol matutino que começavam a dourar as cumiadas das montanhas e as comas das arvores que balouçavam suavemente ao sopro da brisa ligeira, dissiparam-lhe os terrores vagos da imaginação desvairada.

Collegio de S. Damaso, 30-3-92.


PADRE J. MACHADO.

(*Continúa.*)

# O COLLEGIO

---

(Poesia que o alumno João de Campos da Silva Pereira recitou  
por ocasião da inauguração do collegio de S. Dâmaso)

No Hymno d'este collegio  
que li com alacridade,  
vem uma grande verdade  
que se não deve esquecer ;  
—é que o labor literario   
d'esta nossa juventude,  
deve irmanar a virtude  
ao desejado saber.

Sim : de que valem as letras  
se o coração está morto ?  
são apenas mar sem porto,  
onde é certo o naufragar.  
O fanal do entendimento  
que nossa rota norteia,  
não pode os bancos d'areia  
só de per si amostrar.

Que importa que o homem seja  
um prodigio na sciencia,  
se na sua consciencia  
não brilha um raio do Céu ?  
O saber funda-se todo  
no temor de Deus sómente.  
—Sabio por inteiro, é crente,  
sabio por metade, atheu.

E visto que este instituto,  
em liame peregrino  
vincula o primor do ensino  
ao primor da educação ;  
o Collegio de S. Damaso  
ficará bem signalado  
em nossa mente gravado,  
como em nosso coração.

## INCERTESA

---

Nunca o mundo se viu em maior incertesa do que a presente; homens e governos, todos estão incertos a respeito de tudo que se cifra na idéa e palavra *Sociedade*, ou estado Social. Edifício sem base, ou que de esta se deslocou, vai a terra; é n'estas condições de ruimento em que se acha a *Sociedade Moderna* que faz completo contraste com a Sociedade formada pela Igreja de Deus; sim a Igreja Catholica está firme e inabalavel; pois que Seu Divino Fundador a estabeleceu em *Pedra* que não quebra, não lasca nem allue, e todos os que lhe tocam, morrem!

E a *Sociedade* tem de *se modelar* na Igreja de Deus, ou tem de cahir no abysmo pelo seu atheismo! Uma *Sociedade*, como a presente e na qual uns são agentes e outros cumplices no encarceramento do Representante de Deus na terra e por Deus assim investido, não pôde ter mais que incertesa, e duvida de si-propria embora o não confesse por soberba; é falta de Paz que se procura substituir com palavras pacificas enganadoras. O *si vis pacem, para bellum* nunca foi tido como um a prophdegma de sã e verdadeira Philosophia e boa experiencia, e o espectaculo, que apresenta a Europa prova á sociedade o que acabamos de asseverar; nunca a Europa esteve tão armada como presentemente e o que se espera é a guerra e não a Paz. A guerra está a estallar, um phosphoro será bastante para dar começo ao incendio, como foi dito por *Lord Palmestrou*, tão envolvido nas cousas do mundo, fallecido ha annos, e então não era ainda tão grave o estado da Europa!

Que uma Nação, em circumstancias dadas, se arme em face de outra Nação e por aquelle armamento faça conter esta em respeito e de aqui nasça a paz entre as duas, conche-se; mas que a Europa toda em armas, além das suas

forças economico-financeiras, seja prenuncio de paz, não é admissivel; e demais a Verdadeira Paz não procede dos meios materiaes por maiores que estes sejam; procede sim das justas intenções verificadas em actos justos, seja entre homens, seja entre governos. A *incertesa* dá-se hoje na Sociedade não só relativamente ao que ha a esperar quanto aos outros, como ao que ha a esperar de si-propria; eis ao que leva o impio abandono de Deus; a Sociedade *primeira* que o homem tem a fazer é com Deus como até por um antigo philosopho, não christão, foi affirmado. Quando os homens se despendam de Deus, Deus se despenda d'elles, e vem a Justiça Castigadora por um dos infinitos meios que *Ihe* apraz! Se a *certesa* se allia com a verdade, a *incertesa* é pelo menos sympathica ao erro. A *incertesa* é tanto maior quanto estão em prespectiva duas terriveis guerras: a dos exercitos contra exercitos, compostos de milhões de combatentes, e a dos socialistas e communistas revolucionarios contra coisas e contra homens; assim o querem a civilização e o progresso dos athéistas, e dos indifferentistas em materia de religião, e ainda dos idolatras da deusa Materia. Cálhos, *incertesa* e horror, fazem a photographia da Sociedade Moderna.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

---



## NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

---

**Guerra sem quartel.** Romance historico hespanhol devido á penna brilhante de D. Ceferino Suarez Bravo e traduzido por A. de Lima. E' o primeiro volume da *Bibliotheca Selecta Recreativa* iniciada pelo benemerito editor catholico J. J. dos Reis Leitão. Custa apenas 200 reis. Pedidos ao editor.—*Coimbra*.

---

Estando o romance no gosto da epoca e sendo a forma litteraria que mais se amolda ao espirito superficial da sociedade contemporanea, sendo mesmamente o vehiculo transmissor das escolas philosophicas, sociologicas e religiosas, que descobriram na forma garrida e na trama do romance barato um valioso meio de seducção, merece devéras a qualificação de benemerito quem se afoita a dar á estampa romances como este. De facto, o romance—*guerra sem quartel*—merece ser lido e meditado. Os seus quadros são moralisadores e o enredo cheio d'incidentes imprevistos vae despertando sempre, n'um crescendo de curiosidade, o interesse do leitor. Por isso d'aqui enviamos sinceros parabens ao sr. Leitão, que com tão acertado criterio soube estreiar a sua Bibliotheca Recreativa, á qual futuramos e desejamos inteiro exito.

*Bruno d'Almeida.*

---



# GAZETILHA DO COLLEGIO DE S. DAMASO

(OFFERECIDA ÀS EX.<sup>mas</sup> FAMILIAS DOS ALUNOS D'ESTE COLLEGIO)

**Meus senhores:** Já que a defeza é um direito sagrado permitam-me o seguinte desabafo. Teimam alguns dos meus condiscipulos que ou não sou collegial, ou me escasscia competencia para redigir a *gazetilha*. Pois, senhores, sou collegial e acho-me competente para isto e para muito mais. Senão oiçam. Estudo a philosophia com esinha do sr. Alves de Souza que Deus haja, e traduso as odes de Horacio e a Eneida de Virgilio, sem falar já em Cicero, Tito-Livio e outros figurões do meu conhecimento. Ora, quem convive com sujeitos tão conspicuos, se não fôr um diplomado tambem não é um alphanabeto. E basta.

**Visitantes.**—Lembra-me ter visto n'este collegio os seguintes visitantes:—Visconde de Sendello, Padre Domingos Gusmão, Dr. Motta Prego, Dr. Manoel de Jesus Pimenta, Alfredo Ribeiro Bellino, J. C. de Freitas Franco, Padre Saraiva Brandão, João Ribeiro Jorge, José Bento Leite, Antonio José Ribeiro, D. Margarida Marques da Silva, Antonio Mendes Curvite, D. Mathilde Lopes Cardoso, Francisco Joaquim de Freitas, de Guimarães;—Alexandra Quinciano Maltez e Antonio da Fonseca Moreira, de Felgueiras;—Fernando José da Cunha Moreira, Joaquim Pereira Lima, Alfredo Bravo, D. Felicidade da Silva Bravo, D. Maria Pereira d'Araujo, D. Engracia Pereira d'Araujo, D. Ezilda de Freitas, D. Elisa Vasconcellos, de Vizella;—D. Amelia Julia da S. Barbosa e Manoel da Silva Ribeiro Barbosa, de Louzada;—Padre José Ventura Teixeira Pinto, de Barrosas, Francisco Manoel Martins d'Oliveira e Joaquim M. Pereira Rego, de Lanhoso;—Joaquim da Costa Maia e José Vieira Neves da Cruz, da Maia;—Padre Manoel da Fonseca Moreira, D. Parocho de Santa Eulalia e illustrado correspondente de Felgueiras para o «Commercio do Porto» e não de Vizella como disse no numero anterior.

**Ferias!**—Principiam no dia 13 e terminam no dia 25 d'Abril. Parece-me pouco para os meus desejos d'estudante, mas muito, se considero a estreiteza do tempo lectivo e a proximidade dos exames. E já que vem a proposito, recommendarei aos meus caros companheiros que voltem *todos* no dia marcado. E' um dever e uma necessidade.

**Passeio.**—Consta-me que no proximo trimestre teremos um passeio extraordinario. Rumoreja-se que será a fase e na volta passaremos por Felgueiras. Faço votos para que não fique tudo em rumores, e agradeço á D. Direcção d'este collegio a magnifica diversão, que nos dará ensejo de verificar *de visu* e *de gustu* as coisas excellentes que a fama conta das duas formosas villas.

**Bazar.**—Têm continuado a affluir prendas para o bazar, cujo producto é destinado á dispendiosa bandeira que offerecemos ao collegio. Esperam-se muitas mais, e tudo será pouco. *A bon entendeur...*

**Exames.**—Os alumnos que fazem exame d'admissão aos Lyceus não vão a ferias de Paschoa; mas em compensação, feito o exame, terão oito dias de descanso, findos os quaes, devem voltar á faina a principiar a estudar *francez* e *portuguez*. Se assim não fizerem, mal se habilitarão no anno seguinte. Quem os avisa...